

FERIDO, NÃO QUIS DEIXAR O SEU POSTO

O aspirante Amorim comandou o seu pelotão deitado durante 14 horas —
Uma reportagem que começou nos Apeninos e acabou na rua do Catete

Reportagem de Rubem Braga

Mal se podia conversar: os telefones tilintavam e eram atendidos aos berros, e os canhões troavam lá fora a todo instante, fazendo descer calíça sobre as nossas cabeças naquela velha casa de camponeses italianos. Algumas vezes eu subia o morro e ficava algum tempo atrás de uma binocular no P.O., mas preferia ficar ali n. P.C. do major Sizeno, com a carta na mão e o caderno de notas do lado, acompanhando minuto a minuto a marcha da ofensiva. Tenho ainda as minhas notas, que são muito minuciosas, e historiam toda a jornada que findou com a

ocupação de Montese — a nossa primeira arrancada na ofensiva da Primavera.

Mas dessas notas vou destacar apenas algumas linhas, que se referem ao então aspirante Helio Amorim Gonçalves.

O ASPIRANTE AMORIM

Ele havia partido cedo, no forte lançamento de patrulhas

atinge seu posto... recebe contra-ataques... responde... solicita constantemente autorização para realizar novas ações contra casamatas alemãs que divisa... ataca-as e as reduz à impotência... fez nove prisioneiros... apreende armamento e material... exemplo de capacidade de comando... espírito



Em sua residência, o aspirante Amorim descansa da guerra, lendo

29.6.45

- segue -

171

que procedeu ao ataque propriamente dito Comandava um pelotão de fuzileiros e uma seção de metralhadoras. As 10 e 20 da manhã atingiu o ponto cotado 751. As 11 horas, segundo minhas notas, ele estava no 751 fortemente hostilizado pelo inimigo entrincheirado em uma localidade próxima, Creda. As 11.45 nossa artilharia abriu fogo sobre Creda. Pouco depois das 12 horas nossos artilheiros tiveram ordem de suspender o fogo sobre aquela localidade: Amorim estava abordando Creda. As 12.15 chega a noticia: Amorim ocupa Creda.

Sua missão era aguentar-se ali, protegendo o avanço de outros elementos à sua esquerda. Pelas 13 horas soubemos que Creda estava sendo fortemente batida pela artilharia e pelos morteiros alemães, mas não havia nenhuma novidade acerca de Amorim: — ele estava firme. Pouco depois tivemos noticia de que ele perdera um sargento e um soldado. Tinha também feridos. As 14.43 o capitão Vargas da 4.ª Cia., noticiou: o aspirante Amorim estava ferido.

Nesse meu diário de 14 de abril não há mais nenhuma referencia ao aspirante Amorim. Dá notas que nos encheram a todas de tristeza — a morte do tenente Francisco Meza por exemplo — e notas raras escritas com entusiasmo: "Iporan tomou Montese".

O FERIDO NÃO APARECE

A marcha do combate me fez esquecer o aspirante Amorim, mas ao anoitecer, quando ia passando em "jeep" pela Triagem do Serviço de Saude, me lembrei dele. Tinha motivos para isso. Amorim — eu sabia — era de minha terra, Cachoeiro do Itapemirim, e isso era um motivo para que eu me interessasse por ele. Além disso, tendo chegado no 3.º Escalão, ele estreara na noite seguinte à tomada do Castelo. O comandante do seu Batalhão, o major Sizeno, confessou-me que lhe dera o comando de um pelotão, apreensivo: como iria se portar aquele menino que nunca tinha estado na linha de frente, estreando em missão tão perigosa e dura? O elogio do general Mascarenhas, já divulgado no Brasil, diz como ele se portou:

"Brilhante estréia... num dos postos mais movimentados da linha "La Serra"... deslocase sob bombardeios violentos..

ofensivo... altas qualidades morais e profissionais..."

Eu sabia disso. Estivera, depois, no alto do Belvedere, em visita a uma posição vizinha da sua, e não o encontrara; também em Vidiciatico, onde visitara seu Batalhão, me desentonei dele. Foi por isso que entrando na barraca por onde passavam todos os feridos que iam para a retaguarda, minha primeira pergunta ao medico foi sobre o aspirante Amorim, ferido naquele dia, em Creda. Mas o seu nome não constava no livro.

"O SR. MANDE BUSCAR O TENENTE!"

Só no dia seguinte eu soube do que acontecera. Amorim negara-se a sair da frente, dizendo que não estava propriamente ferido, mas somente machucado. Às 4 horas da madrugada, um soldado de seu pelotão que passava ferido para a retaguarda, fez questão de dizer uma coisa ao major Sizeno:

— "O sr. mande buscar o tenente, senão ele morre. Ele foi ferido ontem e não pode nem ficar de pé: está comandando o pelotão deitado. E não quer de jeito nenhum vir-se embora..."

O major Sizeno mandou ordens terminantes, e afinal, 14 horas depois de ferido, o aspirante consentiu ser evacuado.

Quando voltei à Triagem, no fim daquele dia (um dia em que tivemos quase duzentas baixas e não avancamos nada) vi o nome do aspirante Amorim no livro: tres estilhaços, no pé, na perna e na coxa.

Alguns dias depois, passando pelo hospital de Pistoia, procurei o; mas tinha sido transferido na véspera para Livorno. E naquela agitação de fim de guerra eu não podia ir lá atrás a Livorno.

NA RUA DO CATETE

Ontem, afinal, encontrei o tenente Amorim: na Vila Elite, na rua do Catete, onde mora na residencia de sua mãe, d. Silvia de Amorim Gonçalves. Ainda tem uma perna inchada, e o pé não funciona direito, mas espera ficar bom dentro dos 60 dias que tem a contar de sua alta do H.C.E.

Amorim tem muitos parentes em Cachoeiro, onde reside seu avô, sr. Emiliano Belo Amorim. É um rapaz de 28 anos, simples e modesto. É da ultima turma da Escola Militar. Achou que não valia a pena esse negocio de reportagem, mas eu tive um argumento "tranchant". Como todo bom cachoeirense (eu sou péssimo), Amorim vai visitar a terra lá no dia 29, que é o "Dia do Cachoeirense Ausente". É melhor que ele leve um recorte desta reportagem no bolso, para mostrar a cada sujeito que vier perguntar: "mas como é que foi aquele negocio lá?"

Ele explicou porque não quis abandonar seus homens.

— "Eu já tinha dois mortos e alguns feridos. O outro sargento que sobrava era muito bom, mas meu pessoal era todo recruta, eu não podia deixar aqueles meninos comendo fogo e eu sossegado num hospital".

E diz isso com o ar de quem cometeu uma pequena falta e procura se justificar.

29.6.45

241